

MEMORIAL

ABRAMOWICZ, Mere*

RESUMO

Este trabalho apresenta o meu memorial que se propõe a refazer a trajetória de vida revivendo conquistas pessoais e acadêmicas. Procuo questionar o passado à luz do presente buscando captar o que de significativo e coerente, em termos de permanência, pude registrar. Trago aqui minhas inquietações e militâncias representando um momento de descoberta da nobreza do ofício de pensar. Assinalo aqui minha formação inicial acadêmica pedagógica para continuar avançando na carreira até chegar a professora titular do Programa de Pós-Graduação em *Educação: Currículo* da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Destaco as vertentes teóricas que me conduzem até os dias de hoje, o exercício do ofício de docente-orientadora, líder de Grupo de Pesquisa credenciado pelo CNPq, autora de artigos, textos e livros, representando a possibilidade de vivenciar duas das minhas paixões: a paixão de conhecer e a paixão de transformar o mundo. Foram estas paixões que balizaram o que sou hoje, um misto de educadora e pesquisadora, uma privilegiada “trabalhadora da memória”, protagonista da história e autora deste texto que destaca uma modalidade de reflexão que privilegia a compreensão do agora a partir de outrora, eivada de sentimento, reaparição do feito e não sua mera repetição. Devo a esta caminhada a minha consciência crítica comprometida com a tarefa política de produzir conhecimentos capazes de contribuir para uma solução democrática dos problemas da sociedade brasileira. Busco aliar a competência técnica ao compromisso social, enfrentando o desafio histórico de assegurar uma escola sem fracasso e com a melhor qualidade.

Palavras-chave: Memória. Percurso. Carreira docente.

* Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Atualmente é professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Atua como docente na Linha de Pesquisa Currículo e Avaliação no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo. E-mail: mabramowicz@uol.com.br



MEMORIAL

ABRAMOWICZ, Mere **

ABSTRACT

This work presents my memorial that proposes to reconstructing the life trajectory reviving personal and academic achievements. I try to question the past in the light of the present, seeking to capture what is significant and coherent, in terms of permanence, I was able to record. I bring here my anxieties and militancy representing a moment of discovery of the nobility of the profession of thinking. I hereby mark my initial academic training in pedagogy to continue advancing in my career until I become a full professor of the Postgraduate Program in Education: Curriculum of Pontifical Catholic University (PUC) of São Paulo. I emphasize the theoretical aspects that lead me to this day, the exercise of the teaching-orienting profession, leading a research group accredited by CNPq, writing articles, texts and books, representing the possibility of experiencing two of my passions: Passion to know and the passion to transform the world. It was these passions that marked what I am today, a mixture of educator and researcher, a privileged "memory worker", protagonist of history and author of this text that highlights a modality of reflection that privileges the understanding of the now from yesterday, full of feeling, reappearance of the deed and not its mere repetition. I owe this walk to my critical awareness committed to the political task of producing knowledge capable of contributing to a democratic solution of the problems of Brazilian society. I seek to combine technical competence with social commitment, facing the historical challenge of ensuring a school without failure and with the best quality.

Keywords: Memory. Rout. Teaching. Career.

** PhD in Education: Psychology of Education from Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Currently Professor in the Pontifical Catholic University of São Paulo – PUC- SP. Works as a lecturer in the Curriculum and Evaluation Research Line in the Postgraduate Program in Education: Curriculum. E-mail: mabramowicz@uol.com.br

1 INTRODUÇÃO

“Nenhuma construção do intelecto seria possível sem a parte do fogo do vivido”.

Marcel Proust

Compor um memorial tem para mim o gosto do “fogo do vivido”. Refazer uma trajetória me instiga à reflexão e uma reflexão muito especial, pois à medida que me revejo, sou protagonista e narradora e com isso recrio cada momento que vem à tona da minha memória, com a significância do que permaneceu.

Vejo um memorial não como mera cronologia, sucessão de fatos que se repetem, mas como segmentos do viver. É um tempo vivido, revigorado pela energia do presente que me permite reconstruir minha caminhada intelectual.

Já dizia o saudoso Prof. Joel Martins que “somos o nosso tempo de vida; existe um ser, sendo no seu tempo”. Acredito que o meu tempo de vida, desde o doutorado até hoje, se constituiu em um rico viver de experiências múltiplas, da docência à pesquisa, da orientação à assessoria, da administração ao aprofundamento teórico, da prática à vida.

Nesse sentido, este memorial se configura, para mim, como um ato de amor, como uma reflexão permanentemente comovida de cada instante de vida.

Ao re-fazer esse caminho não posso deixar de assinalar os marcos significativos que se destacam na névoa do passado: a Escola Normal Padre Anchieta, que me desvelou o mundo do magistério, indelevelmente arraigado em meu ser como constituinte essencial dele. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, que cunhou a minha pessoa com a inquietude do pensar, do questionar com mestres como Laerte de Carvalho, Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Roque Spencer Maciel de Barros, Carolina Bori e outros, forjadores da minha ânsia de conhecer o mundo. A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo entra nesse cadinho, em 1975, e me mostra que não basta conhecer, é preciso transformar o mundo. O Mestrado e Doutorado nessa Universidade batizaram minha postura de pesquisadora e educadora, apontando-me que o ofício de educar é um ato de esperança, o desvelamento de um fenômeno que me faz ir à práxis, compreendendo-a e interpretando-a, permitindo-me uma apropriação do mundo vivido.

E é essa apropriação que quero aqui desvelar. Pensar como foi o cotidiano de uma professora nesses mais de trinta anos me propicia uma oportunidade privilegiada de armar o multicolorido caleidoscópio desse “ofício de pensar”.

Assim como para Hilda Hilst “o poeta é aquele que é atingido essencialmente por tudo”, acredito que, também eu, sou uma pessoa “tomada pela realidade” e daí essas multifacetadas experiências desses últimos anos.

O meu projeto de vida intelectual se erige na docência e na pesquisa.

Como professora do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo consegui exercer, com toda a vibração, o “ofício de ensinar”. Os cursos de Avaliação Educacional, Avaliação da Aprendizagem, Avaliação de Currículo e Currículo: Teoria e Investigação me deram a possibilidade de pensar, construir junto com meus alunos nosso objeto de conhecimento em todas as suas dimensões.

Acredito que essa vivência cotidiana do docente e a liberdade da eterna crítica me permitiram viver uma relação de poder diferente da usual onde professor e aluno, em parceria, são sujeitos que constroem o seu conhecimento.

No espaço da sala de aula pude viver um autêntico laboratório de ensinar onde os momentos de reflexão e debate se mesclavam com a alegria da descoberta e a paixão de aprender.

A interação em sala de aula me enriquece e me permite acreditar que é ela a responsável pelo processo de crescimento dos dois protagonistas centrais do processo: professor e aluno em contínua comunicação.

Compactuo com Ingmar Bergman, o grande cineasta sueco, quando diz que: “o único gesto que realmente vale à pena é o que estabelece contacto, o que comunica, o que sacode a passividade e a indiferença das pessoas”.

Na prática docente vi emergir com toda força a consistência da teoria, em uma relação dialética marcante.

Ao aprofundar o meu trabalho docente vi reafirmada minha crença na fundamental importância da teoria. Acredito firmemente no que Piaget afirma: “Sem teoria o pesquisador é como o cego diante da realidade: olha, mas não vê!...”.

Nestes mais de 30 anos percorri dois apaixonantes veios de pesquisa e docência: A Avaliação Educacional e o Estudo do Currículo.

=====

2 PRIMEIRA VERTENTE: A AVALIAÇÃO EDUCACIONAL

Em minha trajetória, dediquei-me a ampliar e aprofundar a tentativa de construir um novo paradigma de avaliação da aprendizagem: o crítico-humanista. Com ele busco, ao questionar o modelo tecnicista de avaliação da aprendizagem, ultrapassá-lo chegando a uma proposta crítica.

Discuto o reducionismo da concepção de avaliação enquanto medida e questiono a “neutralidade” da avaliação, nessa dimensão tecnicista, desvinculada de valores e que desconsidera toda a subjetividade inerente ao processo avaliatório. Nessa ótica, o aluno é mero objeto de classificação, passivo, submetido a uma avaliação descontextualizada, a-histórica e acrítica.

Na concepção crítica de avaliação da aprendizagem, esta se constitui em um processo de construção e criação de conhecimento com os alunos, ativos sujeitos dessa proposta. A avaliação se constitui em um momento de reflexão e pesquisa, contextualizada crítica e historicamente, onde há espaço para a autoavaliação. Destaca-se aqui, também, a dimensão qualitativa do processo avaliativo e a função política, transformadora e emancipadora.

Na busca de um novo paradigma de avaliação da aprendizagem procuro flagrar a dimensão autoritária do processo que o vincula a poder, medo e ameaça e vislumbro a usual compreensão da avaliação como controle. Nessa concepção, há uma ênfase no produto expresso pelas provas e notas, pelo domínio dos conteúdos memorizados e pelo controle burocrático da avaliação na sua esfera administrativa.

Ao questionar essa dimensão de controle autoritário tento, no novo paradigma, propor uma avaliação da aprendizagem democrática que, discutindo a relação autoritária saber-poder, busca ultrapassá-la. Vemos a avaliação como compreensão da realidade existente e sua transformação, vendo a apreensão do conhecimento como uma construção crítica, dinâmica, criativa e contraditória. O aluno é um ser humano histórico, consciente, autônomo, emancipado, ativo e criativo.

Ainda na construção desse novo paradigma toco na relação avaliação e qualidade de ensino. Numa ótica tecnicista, a qualidade de ensino se expressa por instrumentos e métodos avaliados quantitativamente, passíveis de mensuração.

Numa proposta crítica, a qualidade de ensino se vincula às finalidades e aos conteúdos e por isso é política. Há aqui, também, uma dimensão histórica que vê a qualidade de ensino como criada pelo homem, qualitativamente analisada, com relevância e significado, contextualizada por determinantes sócio-políticas, econômicas e culturais.

Com essa percepção de qualidade de ensino vemos a avaliação, em uma de suas mais importantes funções, fornecendo subsídios para a melhoria e o aperfeiçoamento da qualidade de ensino, formal e política.

A escola então se torna um espaço de possibilidades que busca uma melhoria da qualidade de ensino, via avaliação, pensando uma formação crítica, criativa, dinâmica a partir de conteúdos significativos e integrados, buscando a arte de bem viver e a promoção do bem estar humano.

Ao construir nosso paradigma, garantimos um espaço relevante à participação na medida em que ela se caracteriza como marca na avaliação do processo. Vemos a avaliação como um processo permanente de participação e entendemos a participação por três vertentes: a política, a epistemológica e a educacional. A face política da participação se expressa pela autopromoção e traduz uma postura ativa, crítica e criativa em contraposição a uma participação “passiva”, “obrigatória” e reprodutivista. Pela ótica epistemológica, a participação é o processo de construção do conhecimento em uma criação permanente e pela ótica educacional esse conhecimento se cria por meio do diálogo. Assim, a avaliação pressupõe a participação ativa, crítica, criativa e que cria a transformação tendo no horizonte uma sociedade democrática.

Acredito que uma das mais importantes contribuições da reflexão sobre um novo paradigma de avaliação diz respeito à sua vinculação com a condição existencial do aluno. Adentramos, no rico universo das emoções que acompanham, visceralmente, o processo avaliativo. Procuramos, dialeticamente, vincular o sentir com o pensar, o afetivo com o intelectual, o viver e o conhecer, a emoção e a razão, tendo como horizonte a indivisibilidade do ser humano.

A avaliação apresenta, assim, uma dimensão afetiva e não pode ser vista desgarrada do universo existencial do aluno. Nesse contexto, a aquisição do conhecimento é uma apreensão amorosa e o ato de conhecer se caracteriza pela dimensão prazerosa, a da paixão. O vínculo professor-aluno é visto como uma interação fundamentalmente emocional, com conotação afetiva.

=====

Outro aspecto contemplado na tentativa de construir um novo paradigma de avaliação da aprendizagem é que o processo avaliativo vem conotado com a criação de uma postura crítica. Busca-se transcender as aparências e chegar à essência para transformar o mundo, criando e recriando a realidade.

Ao avaliar se pressupõe uma inserção crítica na realidade, via diálogo, em uma relação dialética saber-poder, ação-reflexão com um ser humano histórico, em movimento, que compreende o mundo e busca transformá-lo.

Nesse sentido a educação é crítica, pois, não imitando nem reproduzindo meramente a realidade, busca a criação.

A proposta desse novo paradigma crítico-humanista vê a avaliação não só como controle autoritário, mas como um processo democrático, não desencarnado da condição existencial do aluno. Um todo, contextualizado socialmente, que leva em conta as condições e determinantes estruturais mais amplas da educação. A avaliação, assim, visa subsidiar a melhoria da qualidade de ensino e deve ser participativa, ativa, crítica, criativa, para levar a uma sociedade mais democrática, solidária, livre e justa.

Acreditamos que a tentativa de compor um paradigma de avaliação da aprendizagem crítico-humanista nos propiciou um espaço privilegiado de vivenciar a transição de uma postura tecnicista para uma ótica crítica, comprometida com a tarefa política de criar conhecimento visando subsidiar a solução de questões educacionais emergentes.

3 A SEGUNDA VERTENTE: O ESTUDO DO CURRÍCULO

O estudo da teoria e da prática do currículo ocupou toda nossa reflexão e dedicação. Aprofundamo-nos na concepção de currículo inspirada por uma visão etimológica de jornada, caminho, trajetória, passando pelo sentido tradicional de elenco de disciplinas ou definição de sequência de experiências através das quais a escola tenta estimular o desenvolvimento do aluno e chegamos a uma proposta de concepção de currículo onde ele se constitui em uma construção permanente de práticas com um significado marcadamente cultural, social, histórico e interativo, que se caracteriza como uma prática social-pedagógica complexa. A concepção contemporânea de currículo é polissêmica, incorporando uma variedade de dimensões: social, cultural, política, econômica, de gênero, autobiográfica, além de outras. O currículo vincula-se a um projeto político-pedagógico com intenções e compromissos.

Chegamos ao século XXI apontando a centralidade da questão do currículo onde se cruza a reflexão sobre a teoria e a prática. Destacamos como questões atuais: a reconceptualização curricular, o currículo integrado, o ponto de partida do currículo como as necessidades e interesses dos alunos; currículo e vida indo do prescrito ao vivido, a flexibilização curricular, o currículo e as novas tecnologias, o currículo e a interdisciplinaridade, o currículo e o multiculturalismo, o currículo e a formação de professores, o currículo e o papel da pesquisa, da participação, do diálogo, do ensino, além de outros aspectos relevantes.

Destacamos aqui, também, temas emergentes do século XXI tais como currículo e ecologia, currículo e sexualidade (AIDS), currículo e drogas, currículo e violência, currículo e sustentabilidade, currículo e consumo, currículo e ética, currículo e gênero, além de muitos outros temas centrais e importantes.

Podemos concluir como é complexo elaborar a melhor e universalmente válida definição de currículo capaz de conter toda a complexidade de elementos implicados em sua concepção. O que acreditamos é que o currículo é uma prática social-pedagógica que pretende garantir o direito à educação com qualidade social, significando formação integral do ser humano, isto é, formação para a cidadania e para o trabalho visando ao exercício da autonomia.

A partir dessa visão de currículo, podemos destacar algumas perspectivas que se apresentam neste novo milênio. Observamos em primeira instância o resgate do papel da escola na elaboração, no desenvolvimento e na implementação curricular.

Durante muitas décadas a escola foi ignorada no processo de construção do currículo e as vozes de seus principais protagonistas – professores e alunos – foram silenciadas. Hoje, assistimos à ressignificação do papel da escola como construtora curricular, como um espaço privilegiado de elaboração coletiva. As vozes de professores e alunos são ouvidas, requisitadas, analisadas, ponderadas e contribuem efetivamente para a construção do currículo, favorecendo a descentralização e a autonomia.

Nessa linha de pensamento se delineiam duas outras perspectivas curriculares: a revalorização do professor e a valorização da voz do aluno.

A participação é, assim, a tônica dessas tendências se contrapondo a uma dimensão tradicional, autoritária e apassivadora. A participação ganha lugar de destaque como qualidade fundamental do cidadão em uma sociedade democrática. Participação no processo

de elaboração curricular significa que os protagonistas sociais constroem o conhecimento, o recriam e o ressignificam. É uma construção conjunta. A participação não é imposta, mas ativa e plena, respondendo às necessidades reais e sentidas dos sujeitos e que ocorre ao longo do processo de formação de uma pessoa, de um grupo ou de um povo.

Essa ótica de participação na criação do currículo aponta para o diálogo que se constitui na mediação privilegiada na construção compartilhada do currículo. Aprender a participar significa aprender a dialogar e o diálogo permite aprender a criticar, a organizar, a aprender a aprender, criando currículo.

Ao pensar na participação, via diálogo, se alcança o âmbito mais amplo da vida que é o processo permanente da educação expresso no currículo que se faz e se refaz a cada momento em uma perspectiva crítica.

Outra tendência é o currículo construído coletivamente envolvendo e comprometendo todos os atores sociais em uma postura ativa, crítica, democrática e criativa.

Se o currículo deve ser pensado a partir de seus atores, ele deve ser elaborado a partir das desigualdades, da diversidade de vozes dos diferentes grupos sociais envolvidos em uma dimensão multicultural.

Com essa dimensão aparece no currículo a ruptura das fronteiras entre as disciplinas apontando para a transversalidade de temáticas.

Na mesma linha de raciocínio, aponta-se para a desconstrução de fronteiras entre a cultura erudita, a cultura popular e a cultura de massa. A quebra de todas essas fronteiras privilegia um aporte interdisciplinar na construção do currículo.

Todas as perspectivas aqui apontadas demonstram a fertilidade, riqueza e variedade de vertentes que revitalizaram a área de currículo dando novas dimensões aos nossos estudos e pesquisas (ABRAMOWICZ, 2006).

Não poderíamos deixar de apontar para uma linha de pesquisa que propõe a elaboração de uma proposta crítico-emancipatória. Nela identificamos um currículo emancipatório que se destaca como comprometido com a transformação social, inclusivo, democrático, dentro do âmbito de um projeto social com o objetivo de transformar para emancipar.

Nessa direção trabalha-se com projetos; solução de problemas; privilegiamento da pesquisa; valorização da subjetividade, autonomia, tolerância, esperança e do acolhimento; apreciação estética com destaque para conteúdos atualizados; articulação de conteúdos e vida,

saberes e necessidade dos alunos; respeito pela cultura dos alunos e valorização dos seus saberes; mobilização dos alunos; compreensão do conhecimento como construção individual e coletiva; prática reflexiva de professores e alunos; além de outros aspectos que compõem o painel de um currículo emancipatório.

4 TESES E DISSERTAÇÕES ORIENTADAS E CONCLUÍDAS

No processo de aquisição de minha consciência crítica, uma atividade muito relevante tem sido a prática de orientação de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Creio ser esse um rico aprendizado pedagógico e humano.

Penso que o processo de orientação é, especialmente, um caminho de escuta, atenta, comprometida e solidária. Um andar lado a lado, nem à sombra, nem à frente. Pude percorrer nestes mais de trinta anos muitas veredas, sinuosas, tranquilas, conhecidas, desconhecidas, difíceis; mas, sempre, prazerosas, na medida em que se traduziram por conquistas em parceria.

Até agosto de 2015, tenho quase uma centena de teses e dissertações orientadas e concluídas, mais precisamente, 40 Doutorados e 49 Mestrados.

Por quase todos os estados brasileiros, possuo mestres e doutores que por mim foram orientados e em suas carreiras galgaram os mais elevados postos na hierarquia de suas respectivas instituições: vice-reitores, secretários de educação, consultores, assessores e outros, produzindo, como autores, valiosos textos sobre currículo e avaliação que enriqueceram seus espaços educacionais. Essas performances nos permitem imaginar o alcance de suas atuações, atribuindo-lhes papéis relevantes e concretizando práticas transformadoras.

Acredito que a árdua tarefa de orientar completa e emoldura a atividade universitária docente, acrescentando uma dimensão de “par afetivo” à relação orientador-orientando.

É ainda uma tarefa de orientação o que desenvolvi em trabalhos de consultoria e assessoria em diferentes contextos para diferentes audiências. Discuti e aprofundi minha proposta de avaliação e currículo em universidades diversas, em encontros com a rede pública estadual, com escolas particulares, em pré-escolas, em pareceres avaliativos, em outros fóruns de pós-graduação etc.

=====

Para completar a vivência da realidade do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, assumi a vice-coordenação. Acredito ser essa uma experiência ímpar de incursão pelos caminhos administrativos que me permitiram sentir a importância de aliar a competência técnica ao compromisso social, enfrentando o desafio histórico de viver o desencadeamento de uma experiência de reformulação curricular. Nela vivemos a transição de uma estrutura disciplinar para uma organização por núcleos de pesquisa, em todas as suas dimensões, avanços e dificuldades.

Centrando nosso esforço em pesquisa, repensamos a proposta curricular buscando ultrapassar a fragmentação do conhecimento dada pelas disciplinas e buscando uma abordagem interdisciplinar, integrada e flexível com ênfase em um enfoque participativo e numa gestão paritária e, fundamentalmente, democrática.

5 O GRUPO DE PESQUISA: “CURRÍCULO: QUESTÕES ATUAIS”

O grupo de Pesquisa: “Currículo: questões atuais” da linha de pesquisa: Currículo e Avaliação Educacional do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo atua, desde 2002, sob a minha liderança, congregando mestres e doutores, mestrandos e doutorandos dedicados aos estudos e pesquisas na área.

Desde 2006, o nosso projeto, denominado “Avaliação dos Cenários das Instituições de Ensino Superior (IES) a partir da Reforma Universitária Brasileira”, propõe-se a avaliar as consequências da reforma universitária nas IES por meio do estudo de multicasos, permeados pelas políticas públicas de currículo e avaliação.

Em 2009, iniciamos uma nova vertente desse projeto, denominada “Perspectivas curriculares e avaliação nas IES a partir da Reforma Universitária: acompanhamento do processo e debates”, entrevistando coordenadores e gestores de cursos a partir de quatro eixos: 1) eixo: avaliação interna, externa e SINAES; 2) eixo: vestibulares e novas regras do ENEM; 3) eixo: a força da média e; 4) eixo: avaliação e qualidade da educação.

Os três primeiros livros produzidos pelo grupo de pesquisa constituíram as primeiras publicações conjuntas desses pesquisadores como resultados de anos de dedicação, rigor teórico e metodológico e verdadeira paixão pelo exercício da pesquisa e da escrita. Esses livros, primeiros da série “Currículo: Questões Atuais”, buscaram estimular os educadores

interessados na temática a percorrer os sinuosos caminhos da reforma universitária brasileira pela ótica de alunos atentos, competentes e motivados constituindo-se em sérios e autênticos pesquisadores comprometidos com sua realidade.

Os textos reunidos nos livros apresentam, por um lado, a vontade de saber, o desejo de constituir um lugar de discussão e reflexão; e por outro lado, um conjunto de políticas públicas de educação mostrando sinais de mudanças.

O grupo se constituiu em um grupo de pesquisa pela postura de indagação e de crítica, pela atitude dialógica assumidamente delineada em nossa coordenação dos trabalhos.

O grupo se constrói pelas trilhas e atalhos da pesquisa, enfrentando e apreendendo os diversos olhares epistemológicos que se debruçam sobre o objeto de estudo num movimento de espaço-tempo diferenciado em relação a uma investigação individual. A pesquisa empreendida coletivamente supõe não um retalhamento de tarefas, mas um compartilhamento de funções e de atividades que se articulam e são reconstruídas, em nível grupal, para a garantia de um corpus teórico-metodológico coerente com os elementos filosóficos fundantes da proposta de investigação.

Ademais, a pesquisa caracterizada pelo trabalho coletivo requer do grupo de pesquisadores o desenvolvimento de uma atitude de humildade frente à premência de ajustar textos, articular argumentos, reforçar posturas teóricas e metodológicas e realinhar os resultados alcançados. Assim, há um necessário movimento de transformação de textos e análise de dados em artigos/capítulos escritos e reelaborados por várias mãos, que se debruçam sobre cada produção individual e, a partir daí, a autoria faz-se coletiva.

Nos livros há apenas um começo de desvelamento acerca do movimento entre currículo e avaliação produzido pelas políticas públicas de avaliação. Destacamos o registro, o flagrante, as ressignificações, as mudanças, as possibilidades e os riscos.

A coleção que ilustra a série “Currículo: Questões Atuais” já produziu, até 2014, cinco exemplares, a saber:

Volume 1 = Políticas Públicas de Avaliação: uma pesquisa em currículo;

Volume 2 = Currículo e Avaliação: movimento das políticas públicas no Ensino Superior;

Volume 3 = Reforma Universitária: sinais dos SINAES;

Volume 4 = Qualidade em Educação;

Volume 5 = Reflexões sobre Práticas Docentes de Qualidade no Ensino Superior;

=====

Volume 6 = A construção do saber docente por bacharéis no ensino superior: desafios de uma formação (este último publicado em 2015).

Dedicando-se há mais de 10 anos à pesquisa, este grupo se constitui em mais do que um mero grupo de pesquisa. Constitui-se em uma pequena e, ao mesmo tempo, imensa comunidade de aprendizagem.

Tenho o prazer de fazer parte e coordenar este grupo de pesquisa que se inquieta e pela inquietação formula mais perguntas e se desdobra em ações investigativas que resultam em um trabalho marcado pela cumplicidade de sujeitos preocupados com a qualidade em educação. Um trabalho que carrega em suas linhas e entrelinhas o valor das vozes de professores que devem ser registradas, publicizadas e cuidadosamente ouvidas. Este é o papel da pesquisa como desvelamento de um real feito e refeito no cotidiano das práticas e nem sempre devida ou adequadamente refletido.

Temos a esperança de que esse esforço conjunto e integrado do nosso grupo de pesquisa possa servir de subsídio para todos os que se dedicam ao estudo dos temas apaixonantes, instigantes e atuais que são objeto de nossas investigações.

6 EPÍLOGO

Ao refazer a minha caminhada intelectual, posso aquilatar a trajetória até aqui feita nas suas avenidas e atalhos, nas suas vitórias e obstáculos e chego ao “Kairós” grego, ao momento favorável, “à hora certa” para refletir sobre como me vejo e o que desejo, agora.

Vejo-me eivada pela paixão de conhecer que me habita toda e que me impulsiona a continuar estudando, pesquisando, descobrindo, ensinando, aprendendo. Percebo-me vibrando como pela primeira vez na adolescência, quando, com dezessete anos, entrei em uma sala de aula do primeiro ano primário e me lancei na incrível aventura de alfabetizar. Minha prática docente continua, para minha alegria, marcada pelo amor, entendida aqui, como para Ortega y Gasset, na “emigração de si em favor do outro”. Ensinar ainda tem para mim, passados mais de trinta anos, o gosto de maravilhar-se, de sintonizar com meu semelhante e com o mundo.

Sinto, hoje, a inquietude de sempre; o mundo me provoca e instiga. Como dizia Vinicius de Moraes: “Ando onde há espaço, meu tempo é quando...”.

Essa inquietude me impele a agir; agir sempre como queria Lao Tse: “Agir é o meio de ser”. E eu sou, na ação, na dinâmica, na luta. Acredito, como S. Nery, que “Lutar é andar na garganta das pedras. Quem abre o caminho corre o risco das colinas. Mas, é aos pés dos que vão na frente que as borboletas se levantam”.

Acho que alço voo como essas borboletas quando pesquiso, ensino, aprendo, debato, escrevo.

Termino este memorial com Guimarães Rosa e sua mais perfeita definição de dialogo:

“O senhor me ouve

Pensa e repensa

Rediz

E assim me ajuda”.

=====

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Mere; ALBUQUERQUE, Targélia de Souza.; CARVALHO, Maria Helena da Costa. Currículo e Avaliação, uma articulação necessária. **Textos e contextos**. Recife: Centro Paulo Freire, Bagaço, 2006.

BERGMAN, Ingmar. **Fanny e Alexander (filme)**. Produção de Fernando Jörn Donner, direção de Ingmar Bergman. Suécia, 1982. 1 cassete VHS / NTSC, 188 min. Cor. Som.

HILST, Hilda. **Poesia (1959-1979)**. São Paulo: Editora Quírom/INL, 1986.

MORAES, Vinicius de. **O melhor de Vinicius de Moraes**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1994.

NERY, Sebastião. **Folclore Político: 1950 histórias**. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Portugal: Ed. Ridendo Castigat Mores, 2001. Disponível em: <<http://www.jahr.org>> Acesso em: 13 mai.2016.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação**. Brasília: Ed. Unesco, 1974.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.

SILVA, Sonia Aparecida Ignácio. **Educação/cultura na memória de profissionais da educação**: reflexões sobre experiências na escola pública paulista (1930-50). 1993 Tese (Doutorado em Educação: História e Filosofia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – (PUC-SP). VII Anexo Depoimento I, São Paulo, 1993.

TSE, Lao. **O livro do caminho da virtude**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2011.

Artigo recebido em 01/10/2016.

Aceito para publicação em 16/12/2016.